

Sacolinha – *Brechó, Meia-Noite e Fantasia*

São Paulo: Patuá, 2016

Laeticia Jensen Eble¹

Sacolinha (pseudônimo de Ademiro Alves de Sousa) é um escritor atuante da literatura marginal/periférica de São Paulo, embora não goste do rótulo: “sempre falei que não faço literatura marginal, periférica, A ou Z. Creio que nós já temos rótulos demais: neguinho, baiano, favelado, pobre etc.” (Sacolinha, 2012, p. 44). Morador da periferia de Suzano, teve uma infância pobre, com percalços, mas sem maiores privações, pois, como ele mesmo afirma em sua autobiografia, *Como a água do rio* (2012), nunca lhe faltou nada. Como muitos outros meninos da periferia, desde cedo conciliava os estudos com o trabalho: aos 12 anos começou a entregar panfletos nos faróis das avenidas da cidade e, aos 14, passou a trabalhar como cobrador de lotação no Metrô Itaquera, onde colecionou as experiências que inspiraram a escrita de seu segundo romance, *Estação Terminal* (2010). Aliando o gosto pela leitura com a vontade de colocar no papel o que via em seu cotidiano, ainda em 2005, com apenas 22 anos, Sacolinha lançou seu primeiro romance, *Graduado em marginalidade*, em produção independente.

Em 2016, após alguns livros publicados, formado em letras e tendo atuado como servidor da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Suzano, sempre trabalhando com projetos de incentivo à leitura, Sacolinha lança seu novo livro de contos, *Brechó, Meia-Noite e Fantasia* (Patuá, 2016), que escreveu com o apoio da Bolsa de Criação Literária do Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura. Em contrapartida pelo recebimento da bolsa, Sacolinha promoveu quatro edições da Comunidade do Conto, escola de contistas criada pelo autor como projeto pessoal, bem como uma oficina de criação literária. Esse caráter comunitário em torno da literatura é algo que move o autor e perpassa toda sua vida e obra.

Sacolinha acredita no livro “como agente transformador do ser humano”, entendendo que a leitura pode “salvar” a vida de alguém, na medida em que disponibiliza conhecimento, promove a reflexão crítica e oferece um

¹ Doutora pela Universidade Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: laeticia.jensen@gmail.com

caminho de acesso a direitos. Para proporcionar isso a outras pessoas, em sua vida como agitador cultural, Sacolinha fundou a Associação Cultural Literatura no Brasil, que há mais de dez anos atua na formação de autores, divulgação da literatura e promoção do interesse pela leitura literária entre os moradores da periferia. Mas, como diz João Anzanello Carrascoza no prefácio de *Brechó, Meia-Noite e Fantasia*, “literatura não se faz com boas intenções, nem com más. Faz-se com palavras, a partir dos embates do escritor com a realidade de seu tempo, sua aldeia, seu país” (Carrascoza, 2016, p. 11).

Assim, o sentido de coletividade é dado nas obras de Sacolinha na medida em que retratam situações vividas e compartilhadas por um grande número de pessoas que vivem na periferia. De acordo com Leila Lehnen, as obras de escritores da periferia urbana brasileira, como Sacolinha, “reivindicam os direitos humanos dos residentes da periferia, portanto, de sua inclusão na *polis*, através do nexo entre a representação da cotidianidade e da injustiça social na periferia urbana brasileira” (Lehnen, 2016, p. 82).

Em seus textos, o autor “tanto aponta as condições socioeconômicas adversas em que vivem muitos residentes das periferias brasileiras, como valoriza a comunidade e a cultura da periferia” (Lehnen, 2016, p. 82). Seus contos abrigam personagens geralmente marginalizados e esquecidos pelas narrativas oficiais, que são então trazidos para o primeiro plano da narrativa, singularizados e problematizados.

Em, seu primeiro livro de contos, *85 letras e um disparo* (2006), Sacolinha já oferecia ao leitor uma grande variedade de tipos: o assaltante culto, que tira onda de crítico literário e se torna amante da dona da joalheria que assalta, no conto “Traição na joalheria do shopping”; o leitor de Karl Mark que, revoltado com o capitalismo, resolve levar uma vida alternativa e passa a viver como morador de rua, de “Reflexões de um mendigo”; as desventuras de um autor que tenta vender seus livros em restaurantes da avenida Paulista, em “Yakissoba” entre outros. Comentando essa última narrativa, o autor diz que ela nasceu na avenida Paulista, em uma investida frustrada no centro da cidade para vender exemplares de *Graduado em marginalidade*, seu primeiro romance recém-publicado. Só com o dinheiro da passagem no bolso, sem o suficiente para comer, o autor costumava chegar à Avenida Paulista por volta de 22h, com a mochila cheia de livros, e rodava pelos bares para tentar convencer os leitores até o horário de partida do primeiro metrô (por volta de 5h).

Essa fricção entre a vida do escritor e a dos personagens também está presente em *Brechó, Meia-Noite e Fantasia*. O conto que abre o livro, intitulado “Batata do rolo”, pode ser lido por uma chave metalinguística. O protagonista, Batata, é um acumulador. Gostava de juntar coisas, “tampinhas de garrafa, brinquedos quebrados, rodas de carrinho de feira, rolamentos, cabos de vassoura e o que mais encontrasse” (Sacolinha, 2016, p. 15). O valor que atribuía a esses objetos era tal que não conseguia se desfazer deles, e é assim, com suas “coisas penduradas no teto, em cima da mesa, nos cantos, nas prateleiras... tudo bem organizado” (Sacolinha, 2016, p. 17), que ele se sentia feliz. Batata pode ser visto como uma metáfora do escritor engajado em sua tarefa de organizar e dar sentido àquilo que normalmente é descartado pela sociedade.

No mesmo livro há ainda duas narrativas em que o personagem reflete sobre a escrita: “Diga-me alguma coisa, pelo amor de Deus” e “Por onde começar?”, a segunda e a penúltima do livro, respectivamente. Em ambas o narrador está às voltas com o desafio de escrever um conto para apresentar em um projeto de escrita criativa. O tema do primeiro conto é “espelho” e o do outro é “futebol”. Vale destacar que, no início do livro, Sacolinha enumera quatro notas, sendo que na primeira lê-se:

1 – A maioria dos contos aqui publicados foi escrito dentro do projeto “Comunidade do conto”, uma escola de contistas criada pelo autor na cidade de Suzano – SP, e inspirada no Clube do Conto da Paraíba. Cada conto é escrito em cima de um tema escolhido coletivamente. Num momento específico os autores se reúnem para ler e comentar os contos.

A associação dos personagens com a figura do autor é, portanto, irresistível. Se fixarmos-nos no que as narrativas têm de ligação com a realidade – ou seja, o contexto do autor em relação à escola de contos –, os textos poderiam ser lidos como meras crônicas, um relato divertido da dificuldade do autor diante da folha em branco – o que por si só já seria um trabalho de metalinguagem. Mas, no contexto da obra, da forma como estão dispostos, com a leitura lúdica sugerida pelo primeiro conto (“Batata do rolo”), também terminam por conferir uma unidade ficcional ao livro. Se considerarmos o escritor-narrador como um protagonista, o livro poderia até ser considerado um romance, no qual este personagem principal conecta todas as demais histórias como autor delas. Seria um livro sendo escrito dentro do livro, histórias encaixadas

em que o personagem se coloca quase como uma Sherazade em *As mil e uma noites*. É o gênero sendo testado ao extremo.

Descolando-se da figura do escritor, os outros contos do livro, por sua vez, oferecem um mosaico de tipos que reagem de forma única às contingências da vida. Somos apresentados ao filho de migrantes nordestinos que vive e morre pela poesia; ao pedreiro experiente e perfeccionista que repassa sua vida ao ser soterrado quando tentava consertar uma obra sem solução; à moça do morro que sonhava em ser a rainha da bateria de sua escola de samba, mas em vez disso torna-se rainha de sua própria vida, entre outros.

Alguns contos do livro destacam-se ao tratar de tabus pouco presentes em nossa literatura. Nesse sentido, incomoda especialmente o conto “Valsa dos 15 anos”, em que um pai narra sua opção por abandonar a família no dia da festa de 15 anos de sua filha, confessando ter fugido por não suportar o desejo que sentia por ela. Em “Jovens anseios”, por sua vez, o tema espinhoso é o do aborto; sem a interferência de uma voz moralizante, a proposta se constrói sob um prisma social, narrando como meninas de diferentes classes sociais enfrentam a experiência.

O último conto, que empresta o título ao livro, também contém sua dose de provocação. Com diagramação distinta dos demais, empregando letras brancas sobre um fundo preto, traz as histórias de vida inusitadas de três personagens que, após passar por um período de privação de liberdade, e vivendo agora como moradores de rua, completam-se numa relação amorosa compartilhada.

Por fim, não se pode deixar de contemplar o trabalho refinado de Iberê Rodrigues, que assina as ilustrações que acompanham os contos do livro. Autodidata e alinhado com o movimento surrealista, Iberê confere um *status* onírico às imagens que, embora inspiradas nos contos e a eles remetendo, têm vida própria. Escapando a uma função figurativa, o traço delicado dos desenhos em grafite não coloca diante de nossos olhos uma imagem acabada; em vez disso, constitui-se num convite para que se possa divagar e mergulhar mais fundo nas emoções vivenciadas pelos personagens. Ao estabelecer esse diálogo com as artes plásticas, o texto de Sacolinha é potencializado e o tempo curto da leitura de um conto prolonga-se em reflexões metafísicas acerca da condição humana. Tem-se, assim, um livro que permite variadas leituras e, certamente, propicia muitas explorações críticas.

Referências

CARRASCOZA, João Anzanello. Vidas nada simples. Prefácio. In: SACOLINHA (2016). *Brechó, Meia-Noite e Fantasia*. São Paulo: Patuá, 2016.

LEHNEN, Leila (2016). Literatura e direitos humanos na obra de Sacolinha. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 49, p. 79-104, set./dez. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/HCVMcS>. Acesso em: 27 out. 2016.

SACOLINHA (2006). *85 letras e um disparo*. São Paulo: Global, 2007. (Coleção Literatura Periférica)

SACOLINHA (2012). *Como a água do rio*. Rio de Janeiro: Aeroplano. (Coleção Tramas Urbanas)

SACOLINHA (2016). *Brechó, Meia-Noite e Fantasia*. São Paulo: Patuá, 2016.